

O candidato e o presidente

» ANDRÉ GUSTAVO STUMP
Jornalista

Criar uma comissão parlamentar de inquérito não significa, necessariamente, uma crise. Ela pode evoluir para dimensões catastróficas ou morrer no início. Há diversos exemplos nas duas direções. Algumas não saíram do papel. Outras tiveram efeito explosivo. Mas existe um ritual a ser cumprido. O presidente do Senado verifica que o pedido está de acordo com o regimento interno e solicita aos partidos que indiquem os integrantes. Se os partidos não indicarem, a comissão existe, mas não funciona. Ou pode existir e fazer poucas reuniões.

A questão é a maneira como as forças políticas vão agir dentro do Senado. Se prevalecer o sentimento contra o governo, o presidente Bolsonaro estará em maus lençóis. Existe distância entre intenção e gesto. O ministro Luís Roberto Barroso, depois de consultar seus colegas, agiu de acordo com a lei. Os senadores deverão fazer a sua parte. Mas o exercício da política é diverso da execução da letra fria da lei. O dispositivo político do Palácio do Planalto está sob pressão máxima. Na realidade, o governo está fatiado por crises. Foi o que o presidente Bolsonaro alcançou com seu negacionismo, mau humor e palavreado chulo.

Há uma diferença abissal entre o candidato Bolsonaro e o presidente Bolsonaro. O primeiro se colocou para o eleitorado como personagem que defenderia o livre mercado, atuaria fortemente no sentido de abrir a economia, privatizar empresas públicas e reduzir o tamanho do Estado. Também promoveria medidas para diminuir o desemprego que, naquela época, era muito elevado. Além disso, prometeu combater a corrupção e colocou o juiz Sergio Moro no Ministério da Justiça para impedir a ocorrência de ilícitos na administração.

O outro superministro, Paulo Guedes, apresentou fórmulas para solucionar os graves problemas nacionais. Ele prometeu liquidar a dívida pública no primeiro ano de governo. Vender tudo o que fosse possível e fazer o Brasil retomar o desenvolvimento, em grandes números, pela força de seu empresariado. O carioca, criado em Belo Horizonte, aluno do Colégio Militar, é bom de conversa em português e inglês, cita de cabeça autores fundamentais na literatura econômica, impressiona muito, mas, infelizmente, entregou pouco do prometido. Suas promessas caíram no vazio.

As pessoas por ele convidadas abandona-



ram o governo. Ficou sozinho. Hoje prega no deserto. Brigou com o Congresso. A aprovação do Orçamento é uma fotografia do desacerto. O documento foi aprovado com as bênçãos do governo, só depois se verificou que a peça era inexecutável. No entanto, assessores parlamentares de todas as áreas do Executivo acompanharam as negociações. Nada aconteceu por obra do acaso, ou imposição de um grupo. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, pretendia ter mais de R\$ 2 bilhões para realizar o censo nacional. Recebeu pouco mais de R\$ 70 milhões. A presidente do órgão pediu demissão.

Não há mais conexões entre o candidato e o presidente. Paulo Guedes merece piedade. Não conseguiu privatizar nada e ainda teve que engolir a criação de uma estatal, a NAV, para controlar o espaço aéreo. Os pilares do governo foram abandonados. Restou o ministro Tarcísio Freitas, da Infraestrutura, que está executando no atual governo tudo que planejou quando integrou as administrações Dilma e Temer. Ele tem uma bela obra para exibir. Contudo, não é prudente se expor muito no governo Bolsonaro. O con-

junto de leilões de ferrovias, rodovias, aeroportos e portos que estão ocorrendo neste mês constitui a melhor faceta deste governo. É a única janela por onde se pode enxergar algo de positivo na ação governamental. Todo o resto é destruição na educação, na defesa do meio ambiente, na inflação, na produção industrial, além do monumental desastre na proteção da sociedade contra a covid. O negacionismo alimentou o vírus.

O sistema de comunicação do governo é péssimo. As novas ferrovias são essenciais para o escoamento da fenomenal safra de grãos produzidos no Centro-Oeste. Mas quase ninguém sabe disso. O governo esconde seu melhor atrás do biombo ideológico. Protestar contra o ministro do Supremo Tribunal Federal não resulta em nada de positivo, além de irritar os outros ministros. Mais produtivo é determinar a seus advogados que entrem com as medidas judiciais cabíveis. Bolsonaro mexeu com muita gente na esfera do poder. Ameaçou demais, provocou demais, xingou demais. O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lyra, guarda em sua gaveta 107 pedidos de impeachment. É aí que mora o perigo.

O futuro do dinheiro

» EDUARDO CARVALHO

CEO da Dynasty Global Investments AG. Cofundador e CEO da Dynasty Global Investments, Eduardo Carvalho se dedica à empresa desde 2016

Há quanto tempo você, que lê este artigo, não paga uma conta com dinheiro em espécie? Certamente, faz muito tempo. Essa situação tende a se repetir com frequência maior ainda. Cada vez mais o chamado papel-moeda é coisa do passado e os novos tempos indicam que o futuro está acontecendo. Ou seja, o dinheiro digital e as criptomoedas deixam de fazer parte do distante universo da futurologia e já existem no dia a dia. Gigantes da economia digital como o PayPal, que recentemente liberou seus usuários para fazerem compras com criptomoeda, ou a Tesla — aceitando a mais conhecida das criptomoedas, o Bitcoin, como meio de pagamento por seus badalados carros elétricos — indicam mudanças radicais e uma nova tendência.

O sistema bancário americano, bastante relutante no início, acabou acompanhando essa nova tecnologia. O conservador Goldman Sachs abriu uma mesa de trading em criptomoedas e o Bank of America ainda não desenvolveu produtos digitais, mas declarou que o Bitcoin pode ser uma moeda para o e-Commerce. Para o Citibank, o Bitcoin tende a virar a moeda preferencial nos negócios globais, enquanto o Morgan Stanley vai mais além: seus clientes já têm acesso a três fundos de Bitcoin.

O Fidelity, gigante do varejo americano, dá mostras dessa confiança: acaba de entrar na Securities and Exchange Commission (SEC) — a versão americana da Comissão de Valores Mobiliários — CVM) com um novo fundo em Bitcoin negociado em Bolsa. O JP

Morgan foi o último dos grandes bancos a se posicionar sobre o uso das criptomoedas e recomendou, em fevereiro, que os clientes com perfil de investidor qualificado colocassem 1% do portfólio em Bitcoin.

Com esse cenário em constante transformação, os países tiveram que partir para inovações e mudanças no sistema financeiro. Enquanto a China se prepara para ter a moeda digital este ano, o Japão inicia a primeira fase de estudos para lançar o iene digital. Na Europa, os cenários variam muito. Segundo estudos do Banco de Compensações Internacionais — BIS, 36 países já se manifestaram favoráveis à digitalização. Entre os mais avançados estão China, Coreia do Sul, Suécia e Bahamas. O Banco Central Europeu, por meio da presidente, Christine Lagarde, deixou claro que o banco irá considerar o lançamento de uma moeda digital, sem abandonar o euro e o papel moeda.

Há milhares de criptomoedas no mercado. Todas têm em comum a tecnologia blockchain. Cada uma tem origens e aplicações diferentes. Para os países, por exemplo, uma das vantagens das criptomoedas é o baixo custo na distribuição do dinheiro: não há necessidade de imprimi-lo, nem de distribuição, tarefa que cabe hoje aos bancos. As empresas também buscam espaço nesse universo digital. A Atari lançou uma moeda corporativa — o Atari token — para torná-la referência para pagamentos na indústria de games.

Os Estados Unidos discutem a ideia e a Alemanha, por exemplo, não pretende emitir uma moeda digital, mas aprovou o

uso legal das criptos. O Brasil, por intermédio do Banco Central, analisa a questão, mas sabe que é uma mudança de longo prazo. Afinal, 60% dos brasileiros ainda usam dinheiro vivo com frequência. Por ser um país de dimensões continentais, a realidade do Sudeste e do Sul é muito diferente da situação do Norte e do Nordeste. De qualquer forma, a internet não tem um padrão de qualidade uniforme em todo o território nacional. E isso dificulta, e muito, o uso das tecnologias digitais.

Enquanto o sistema financeiro tradicional debate, estuda e analisa essa verdadeira revolução econômica e cultural, o universo cripto vai ganhando espaço: o uso do Blockchain — a plataforma tecnológica que possibilitou a primeira criptomoeda do mundo, o Bitcoin, se amplia e ganha novos horizontes. Poderá ser usado em outros segmentos, como a energia, por exemplo. A atual estrutura dos geradores de energia solar nas residências, chamada de geração compartilhada, pode se conectar às redes de distribuição via blockchain e automatizar os pagamentos com total transparência dos processos. O setor de entretenimento também estuda o uso dessa tecnologia para desenvolver novos modelos de negócios.

Informações como essas chegam todos os dias em ritmo acelerado, o que, por enquanto, permite uma constatação segura: estamos assistindo ao surgimento do futuro que muitos imaginavam ainda estar distante, em algum ponto do horizonte. Seja qual e como for esse futuro, ele chegou, e é agora.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circacunha.df@dabr.com.br

Insegurança alimentar, fome e revolta

Depois de mais de um ano experimentando o que parece ser uma das maiores e mais universais pandemias que a humanidade conheceu, o mundo e, particularmente, o Brasil começam a sentir os efeitos que essa doença provocou também na economia, sobretudo, no aumento, sem precedentes, no número de pessoas assoladas pelo tenebroso espectro da fome.

Em nosso caso, a situação é de emergência, uma vez que a insegurança alimentar atinge hoje mais da metade dos lares país a fora, tanto nos centros urbanos quanto em regiões mais carentes. A totalidade das pesquisas feitas sobre esse problema indica que o fenômeno da escassez de alimentos e mesmo a sua falta total são uma realidade para milhões de brasileiros.

Somados os 19 milhões que, neste momento, passam fome aos 116,8 milhões que sofrem a situação de insegurança alimentar, temos quase 136 milhões de cidadãos sem ter o que comer diariamente. Desde o início da pandemia, muitos economistas e outros pesquisadores das ciências sociais alertaram para essa possibilidade iminente e, como quase tudo que acontece neste país, nenhuma providência de fôlego foi tomada a tempo de evitar esse quadro.

A privação de alimentos pode ser considerada o mais degradante e cruel grau de sofrimento físico e psicológico a que um ser humano pode ser submetido. Essa situação, para um país que é considerado, no mundo bilionário das commodities e dos negócios de grãos e proteína, um celeiro do planeta, torna o Brasil uma das mais desiguais e contraditórias sociedades. Como pode um país, tido como uma potência do agrobusiness, ter um contingente de pessoas, maior do que muitas populações de outros países, passando fome?

Essa realidade bizarra reforça a ideia que muitos fazem do agrobusiness, um setor que não produz alimentos, mas, sim, lucros em larga escala para seus proprietários. Na verdade, dizem alguns entendidos, ruim com o agronegócio, pior sem ele, uma vez que esse é ainda considerado o grande indutor dos superávits na balança comercial do Brasil com o resto do mundo.

Pelo sim, pelo não, muitos especialistas apontam que é justamente no setor agrícola que estão as maiores e mais concretas possibilidades de combate à fome e à insegurança alimentar. Para tanto, afirmam os pesquisadores, será preciso, antes, instituir um amplo e consistente Plano Nacional de Alimentação, por meio de uma série de políticas públicas que diminuam os desequilíbrios entre a produção industrial de alimentos, ligados ao agrobusiness para a exportação, e o amparo às pequenas e médias cooperativas ligadas à agricultura familiar e comunitária, tanto no entorno das cidades quanto no campo.

O problema, além da falta crônica de planejamento e projetos, esbarra na falta de recursos e nos cortes sofridos em muitos programas, como o Programa Nacional de Alimentos (Pnae), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa de Cisternas, Bolsa Família e Renda Básica Emergencial. Mesmo o Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar (Pronaf) sofre, há anos, com a falta de incentivos e com cortes de orçamentos.

A pandemia, e isso não é segredo para ninguém, fez os preços dos alimentos nos supermercados e feiras dispararem, o que aumentou os índices de pobreza e, conseqüentemente, elevou o número de brasileiros que passam fome. Nas grandes cidades do país, esse efeito é bem visível e clama por providências antes que essa situação descambe para uma revolta popular, como muitas que aconteceram ao longo da história humana e que mostraram que a única razão que conduz o povo à revolta não são as ideologias, mas a fome.

»» A frase que foi pronunciada

“Todo mundo quer comer na mesa do governo, mas ninguém quer lavar os pratos.”

William Faulkner, escritor norte-americano

Imperdível

» Um concerto imperdível será transmitido pela internet nesse domingo diretamente do Santuário de Nossa Senhora da Conceição, em Floripa. A Orquestra de Cordas da Ilha, criada por Paulo Roberto Matos, contrabaixista da Escola de Música de Brasília, interpretará canções de vários séculos. Paulo Roberto, que mora em Florianópolis, convida os amigos de Brasília para acompanhar a performance no Youtube e Facebook. Veja mais detalhes no *Blog do Ari Cunha*.

Verde Brasília

» Trabalho de pós-

graduação em história, importante para a cidade, está arquivado na UnB com a orientação do professor Dr. José Luiz de Andrade Franco trata do *Desafio da floresta urbana: História do processo de arborização de Brasília (1960-1970)*, de Marina Salgado Pinto. Leia no *Blog do Ari Cunha*.

Três gerações

» Vale a pena assistir à live histórica de três gerações do jornalismo brasileiro. Alexandre Garcia, Luís Ernesto Lacombe e Caio Copolla. Sem políticos de estimação, sem papas na língua e sempre com muita educação. Acompanhe no *Blog do Ari Cunha*.

»» História de Brasília

Já que a ordem é moralizar, que não se permita, então, que uma firma estabelecida num barraco provisório cobre preços superiores às outras organizadas contabilmente e concorrendo com impostos para a municipalidade. (Publicada em 30/1/1962)